



HIPÁTIA: SOBRE DRAMATURGIA CONSTELAR, SOB DIALOGIAS COM ESTRELAS

LUCIANA LYRA

Atriz, diretora, encenadora, dramaturga e escritora. Docente associada do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes/UERJ) e do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular (DEACP/UERJ). Procientista/UERJ – bolsista produtividade e Cientista do Nosso Estado (CNE/Faperj). Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGArC/UFRN). Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), líder do grupo de pesquisa MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes. Pós-doutora em Performance pela Tisch School of the Arts da Universidade de Nova York (NYU/bolsista Faperj Mobilidade nas Américas), Pós-doutora em Antropologia (FFLCH-USP/bolsista Fapesp) e em Artes Cênicas (Deart-UFRN/bolsista Capes), mestre e doutora em artes da cena (IA-Unicamp/bolsista Fapesp). Artista fundadora do estúdio Unaluna – Pesquisa e Criação em Arte.

Sites: www.amotinadas.wixsite.com/motim | www.unaluna.unaluna.art.br
E-mail: lucianalyra@gmail.com.

DOI: 10.26512/dramaturgias30.60978



PRELÚDIO

Celebra-se, em 2025, minha maioridade na militância por dramaturgias feministas, urdidas com fios emergenciais, preenchendo lacunas, explodindo silêncios compulsórios. Tendo inaugurado minha escrita dramática com o texto intitulado *Annexo Secreto*¹, de 2004, destampeei um rosário contínuo de personas, personagens, territórios e marcadores sociais, a escutar vozes, visibilizar experiências e narrativas de mulheres e outras dissidências de gênero, na ênfase da dramaturgia como vital no constructo de uma cena mais inclusiva, diversificada e representativa.

¹ Texto finalizado e encenado em 2004, no Teatro Armazém, na cidade do Recife-PE. Produzido pela Cia. do Teatro Rasgado, direção de Fátima Aguiar, atuação de Milena Lago e Soraya Silva. Teve leitura dramática, em 2024, no Teatro Garagem, em São Paulo-SP.

À medida que minha energia combativa avançou nestes vinte um anos, fui arrasando, como professora, estudantes de artes nas universidades, fui agregando artistas insubmissos, que como eu, seguem incoformes frente às desigualdades de gênero e à opressão instaurada pelo patriarcado. Nesta toada, adiantei-me na urdidura de obras como: 'Guerreiras' (2010); 'Homens e Caranguejos' (2012); 'Obscena' (2015); 'Lunik' (2011/2021); 'Fogo de Monturo' (2015); 'Quarança' (2016); 'Louise ou desejada virtude da resistência' (2017); 'Ensaio para velhos pretos' (2020); 'Josephina' (2022); 'Concerto para Antares' (2023), 'Hipatia' (2022), 'Medea depois do sol' (2024) 'Edith, a cruz e a câmara' (2024), 'Edypus d'Yocasta' (2025) e 'Orimcurumim' (2025).

Como atriz mantive-me ativa e aguerrida em prol das mulheridades, em espetáculos como: 'Cangaceiras guerreiras do sertão' (2020/20021/2022), 'Um berço de pedra' (2017), 'Memória da Cana' (2009), 'Assombrações do Recife Velho' (2005), estes dois últimos com Cia. Os Fofos Encenam-SP, também atuei como diretora em muitas de minhas bélicas dramaturgias. Como autora do livro 'Guerreiras – texto teatral e trilha sonora original' (2010); 'Dramaturgias feministas: Fogo de Monturo & Quarança' (2017), 'O Banquete – Escritos Mínimos à Afrodite' (2018); 'Escritos Mínimos' (2021), idealizadora e organizadora da 'Coleção Dramaturgias Feministas' (Numa Editora, 2024), vim *fincando o pé* nas mesmas temáticas de mulheres, à espreita de suas urgentes agendas.

Por meio destas obras, entendo que criei um panorama de narrativas dramatúrgicas, cênicas, poéticas sempre mergulhadas na crítica às estruturas sociais existentes, abordando: violência de gênero, sexualidade, maternidade, e a luta por direitos humanos, que certamente, para além de enriquecer o repertório teatral, também pôde explicitar a condição das várias mulheridades na sociedade atual, reforçando a dimensão do teatro como plataforma para reinvenção de mundos.

E foi justo deste coro de textos teatrais, que emergiu HIPÁTIA, por mim escrito em 2021, e que se descortina integralmente neste DOSSIÊ ENCENAÇÕES, PERFORMATIVIDADES E FEMINISMOS - REVISTA DE DRAMATURGIAS, forjado pela UNB. A saber, HIPÁTIA vem a se constituir, junto com outras dramaturgias autorais, como icônico exemplo de pesquisa fundada em ação, digamos, arqueológica, ao desencavar jornadas de mulheres antepassadas, que, a despeito dos sacrifícios vivenciados, destacam-se e ultrapassam tempos-espacos com ideias arrojadas, que nos vem lembrar incessantemente da possibilidade de desmonte do tóxico patriarcado e de seu séquito de horrores.

Como bom presságio feminista, o texto HIPATIA, desenhou-se dentro de mim a partir de um convite, um chamado, uma convocação de outra mulher. Em artigo elaborado para os anais da Associação brasileira de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas (ABRACE), rememoro:

Em minha trajetória como dramaturga venho privilegiando os processos colaborativos de criação da escrita, mas este texto, em específico, foi encomendado pela atriz Jussilene Santana² através do Instituto Martim Gonçalves³, por ela

² A atriz e historiadora Jussilene Santana é professora-visitante do PPGAC/UNIRIO, possui pós-doutorado pela Queen Mary University of London (2016), é doutora e mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA, graduada em Comunicação Social pela FCOM/UFBA. Em 2013 ganhou o Prêmio Capes de Tese com 'Martim Gonçalves Uma Escola de Teatro contra a Província', trabalho construído na interseção da História, do Ensino do Teatro, da Sociologia e do Jornalismo.

³ <https://institutomartimgoncalves.com.br/>

fundado e atuante nos estados do Rio de Janeiro e Salvador. A ideia é que esta peça destampe o processo de montagem, em 2022, com direção da Profa. Elisa Mendes⁴, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Recebi o convite de Santana tem ao menos três anos a partir de uma conversa em meio ao caos administrativo que estava ocorrendo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro⁵, onde atuo como docente. Entre o caos da UERJ, fundado em 2018, e caos sanitário instalado em 2020, é curioso que possamos tocar a alma desta antepassada cientista, Hipátia, que tanto nos ensina sobre o ato de investigar e descobrir o mundo, suas matérias, seus números, suas equações, suas constelações. Em tempos das fakenews que elegem presidentes fascistas no Brasil, ouço-a ecoar a seguinte frase: Ensinar superstições como verdades é uma das coisas mais terríveis.

LYRA, 2021, PP 4-5

E complemento:

Abordar Hipátia de Alexandria em dias atuais, a meu ver, é olhar para nosso tempo, é voltar também no tempo, é buscar no passado vestígios das mesmas ignorâncias que continuam a nos fustigar, a nos apavorar, opondo fé à ciência, desacreditando na capacidade de uma mulher frente a um mundo de homens. Em consonância com Walter Benjamim (2012), penso que articular tempos é necessário para sentir o espiralar vivo de uma história que se pode ser tecida a contrapelo. Ao fazermos um retorno temporal, que nos aproxima da jornada de Hipátia, fomentamos a construção de uma herstory⁶.

LYRA, 2021, P. 5

⁴ Professora doutora em Artes Cênicas e diretora teatral (UFBA). Experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: direção e interpretação teatral, ensino de teatro, coordenação de encontros culturais, curadoria e produção executiva.

⁵ Entre 2016 e 2018, o Estado do Rio de Janeiro viu se agravar uma crise político-econômica que o levou à falência. Em um estado de calamidade pública, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, consequentemente, sofreu os efeitos da crise chegando a ponta do iceberg. A entidade que se mantém a partir da verba fornecida pelo Estado quase foi obrigada a fechar suas portas. Dessa maneira, a UERJ passou a atrasar os salários de docentes e empresas terceirizadas que prestam serviços a instituição, como setor de alimentação, segurança e manutenção. Segundo a revista VEJA RIO, dos 90 milhões de reais anuais necessários para o suporte da universidade, a entidade teve quitados somente 15 milhões pelo então governo. O não pagamento das bolsas dos estudantes também foi um fator agravante para que eclodissem as greves. <https://falauniversidades.com.br/uerj-universidade-estadual-crise/>

⁶ "Robin Morgan, in a book of her selected writings states that the debut of the word "herstory" was in the byline of her article Goodbye to All That, in early 1970, in the first issue of the "underground" New Left newspaper Rat after it was overtaken by women to clean it of sexism. She writes that she identified herself as a member of W.I.T.C.H., decoding the acronym as "'Women Inspired to Commit Herstory'" <https://en.wikipedia.org/wiki/Herstory> Este termo vem sendo amplamente pesquisado pela PRofa. Dra. Brígida de Miranda (Udesc), em contexto nacional. Em um de seus artigos ensina que: "(...) com o objetivo de provocar a aparente neutralidade da língua. Morgan brinca com o termo history ao colocar entre parenteses (his)story – traduzindo literalmente -- [a história deles] ela separa o pronome masculino (his – dele) do substantivo story (história) para propor uma outra possibilidade, uma perspectiva feminista na narrativa de fatos, ou seja uma (her)story, uma [história dela]. (2017, p. 4)"

Sim, entendo que criar HIPÁTIA, dentro de um pensamento dramatúrgico feminista, é traçar um ato de guerrilha, de escovação da história ao avesso, evocando as mulheres ao primeiro plano na posse e propriedade de suas vozes e na construção de um novo repertório, de narrativas múltiplas, inclusivas e de calibre eminentemente político. Ainda citando este escrito publicado em 2021, descortino a trajetória da filósofa:

Hipátia nasceu em Alexandria, Egito, por volta do ano de 370 d. C, era filha de Teón, um matemático, filósofo e astrônomo conhecido no seu tempo. Muito influenciada intelectualmente por seu pai, que foi o último diretor do Museu de Alexandria, Hipátia teve formação na escola neoplatônica. A saber, neoplatonismo é direcionado para os aspectos espirituais e cosmológicos do pensamento de Platão, sintetizando o platonismo com a teologia egípcia e judaica. Hipátia abdicou do casamento, dedicando sua vida ao trabalho científico, e se declarando "casada com a verdade", segundo a filóloga clássica e historiadora polonesa, Maria Dzielska, importante biógrafa de Hipátia. Ativista política e professora de História Romana Antiga na Universidade Jagiellonian, Dzielska indica que os estudos em Atenas, Grécia, Hipátia regressou à sua cidade natal tornando-se professora de Matemática e de Filosofia, tornando-se a primeira mulher a ter trabalhos importantes na área das Ciências Exatas e, paralelamente, ter conhecimento em Filosofia e Medicina. Em Matemática, sua pesquisa foi apresentada em numerosos manuscritos.

LYRA, 2021, P.6

Sem sombra de dúvidas, apesar de ainda não ter sido encenado, a urdidura do texto HIPÁTIA, ofereceu-me a oportunidade de discutir a relação entre ciência e filosofia, pensar sobre fanatismo e ignorância científica, intolerância e empatia, articulando passado e presente (Beijamim 2022) e perscrutando a ágora da cena como singular território para expansão e estímulo de diálogos e discursos sobre a necessidade de respeito ao conhecimento e às diferenças de gênero. Sendo emblema de resistência e empoderamento em seu tempo, Hipátia pelejou por sua liberdade de pensamento em um contexto opressivo, e, entendo, vem a fustigar novas gerações em reivindicação pela autonomia, pelo direito à educação e a defesa do saber em face ao depotismo.

Curiosamente trágico lembrar que eu tenha escrito HIPÁTIA, em meio ao caos pandêmico e o pandemônio político que vivíamos intensamente no Brasil, àquele ano de 2021, com o então presidente Jair Bolsonaro à frente da nação, incentivando o negacionismo, demonizando as conquistas das ciências, e alijando mulheres do mundo público e das possibilidades de serem artífices na restauração da saúde física e social do país. Fazendo eco à filósofa da antiguidade, as mulheres contemporâneas ainda seguem a sofrer preconceitos seculares no mundo da ciência, consideradas menores com base em falácias perpetuadas acerca de suas características de fragilidade, sensibilidade e mesmo falta de força corporal, traços impeditivos às ações dentro do sistema sócio-político falocentrado e excludente que ainda nos assombra.

Por fim, dizer que ao inscrever HIPÁTIA dramaturgicamente, remonto sua intimidade e apreço pelas estrelas e suas constelações, que sem dúvida, em dialogia com os feminismos, sugerem as múltiplas intersecções, vozes, lumes, perspectivas de gênero atuais, contribuindo para um mosaico rico e dinâmico de narrativas, e para a potência inequívoca das redes em prol das lutas das mais variadas mulheridades. A dramaturgia de HIPÁTIA, sem dúvidas, destampa o caráter estelar das escrituras feministas, que

ao mirarem brilhos no firmamento, iluminam horizontes desejosos de justiça social e equidade entre homens e mulheres.

Em regozijo. Numa onda, numa ode à resistência... Partilho a seguir, o texto...



Imagem de Hipátia de Alexandria.

Fonte: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/perseguido-e-violencia-a-morte-brutal-de-hipatia-de-alexandria-martir-da-ciencia.phtml> Acesso em 18 de abril de 2025.

HIPÁTIA

Luciana Lyra

'Ensinar superstições como verdades é uma das coisas mais terríveis'.
Hipátia de Alexandria

FIGURAS

Hipátia – a sábia
Coro de cristãos
Coro de mulheres

MOVIMENTOS

Prólogo – O Subterrâneo
I Movimento – A Terra
II Movimento – Os Homens
III Movimento – A Mulher
Epílogo – As Trevas

ESPAÇO

Porão subterrâneo da biblioteca

PRÓLOGO

O Subterrâneo

Madrugada ressequida. Ouve-se longe um coro fúnebre de aleluias. Um coro de cristãos. Num repente, avistam-se réstias de luz que adentram um hermético espaço subterrâneo, uma espécie de minúsculo depósito tatuado de silhuetas de livros, rolos de pergaminhos vários, sombras, estantes repletas de antigos tomos. Uma poeira espessa adensa o ar. Ao fundo vê-se penetrar lenta e sorrateira uma mulher de aparência espectral. Cabelos que se trançam e se desamarram, a um só tempo, em desalinho. Sobre ombros, como Atlas, ela carrega um outro mundo de mais e mais livros em grande embornal. Ela pára, como quem se certifica estar sozinha. Longo respiro e um chamamento.

Quase um sopro.

Hipátia

... Sinésio?

Silêncio apenas.

Hipátia

... Sinésio?

Silêncio ainda.

Hipátia

Sinésio, está aqui? Não te vejo.

Um pedaço a mais de vazio. Hipátia avança no espaço em fadiga extrema, desmancha a saca de livros, pergaminhos ao chão. Sobre alguns tomos assenta-se. Alcança uma moringa d'água antes posta, bebe sequiosa no gargalo. Murmura a si mesma.

Hipátia

Subterrâneos foram matematicamente arquitetados para que ratos trafeguem incólumes do mundo, tramando pestes para o assolar de súbito. Impressiona-me eu mesma precisar estar aqui confinada a escutá-los margeando rodapés das cidades, rodando pelos esgotos da biblioteca, em plano fúnebre de emboscadas. *(Aos livros)* Os que pude salvar trouxe comigo e como ato de guerrilha descí rio abaixo. Dos púlpitos, onde intensa tantas vezes palestrei, para atravessar o denso Estige e seus mortos. *(outro respiro)* Por mais que tenha avançado em meus feitos em vida pública, continua a existir um vazio de tempos que não me cabe ainda, vivo na encruzilhada. Habito agora o submundo, mulher sob domínios de Pan e suas estripulias.

I MOVIMENTO

A terra

Ouve-se ruídos de ratos em movimento. A roedora algazarra confunde-se com vozes de homens em intensa assembleia.

Hipátia

...Sinésio???

(Os ratos continuam a sinfonia de tramas)

Hipátia

(Toma mais um gole de água, falando em seguida como se lembrasse) Ainda bem que deixou para mim o que beber. De palavras, de pensamentos me alimento. Não se preocupe, Sinésio! *(Retira do bolso um astrolábio. Observa-o)* Daqui também posso, sem medo, ler os nossos astros e suas constelações. Continuo a tentar prever nosso universo pelas estrelas. Possível isso, meu amigo e discípulo? Possível isso nesse tempo que nos engana? Nesse mundo destituído de empatia? Como prever os caminhos pelas estrelas? Como saber quanto tempo ficarei aqui isolada para que não seja apedrejada ou esquartejada ou queimada pelos que dizem reinar democraticamente? *(Manuseia o astrolábio em íntimo malabarismo)* Resta-me, por enquanto, brincar. Esconder-me debaixo de todo conhecimento que ergui em livros e bancadas. O que me acalenta é saber-me no mais dentro de meu templo. O coração, as entranhas da biblioteca. Resta-me cultivar a castidade que me purifica a alma, e por extensão, tudo que ensino.

(Continua a brincar com o astrolábio)

Hipátia

Pelo meu casto poder também me emancipei, livrando-me do jugo que um marido poderia exercer no casamento. Sim, fui digna de casar-me. Disseram-me bela e graciosa, e fui alvo, como muitas, de paixões irrefreadas e apenas curadas pelo signo de minha natureza suja. Suja como a natureza de uma mulher que sangra entre pernas e não esconde seu rio íntimo, não o lança ao mar. Sangro e questiono aos pretensos amantes: Tu amas isso? *(Dialoga com o astrolábio, retirando debaixo das vestes um pano alvo robusto de um vermelho intenso. Expõe)* O sangue que brota de uma mulher viva? Isso não é belo. É obsceno pensar que sangro, que sangram todas as mulheres. É antifilosófico o que estampo ao teu pensamento? Indigno de uma virgem? Afirmo que não. Sou regida pela lua e todos os astros. A terra de onde germinei com todas as minhas reflexões. A terra para onde retornarei. Sou finita e expando a alma. Mas antes de volver à terra e expandir-me em ânima, planejo daqui, do universo rastejante que eles criaram, a revolução. Busco aqui uma fórmula matemática para não ser punida por tanto saber.

(Cobre o astrolábio com o pano manchado de sangue. Lança o olhar para as estrelas por uma fresta no espaço)

Hipátia

Em oposição ao chão que ora rastejo, miro-as! *(Às estrelas)* Sei que as estrelas jamais cairão. Estrelas transitam de leste a oeste no círculo do firmamento, e por isso as estrelas jamais cairão. Estrelas são pagãs e assim como os cultos pagãos desafiam a ciência. Miro-as! Compreender as coisas que nos rodeiam é a melhor preparação para compreender o que há mais além. As estrelas. As estrelas estão irmanadas em constelação, mas o que observo é que essa irmandade não gira em círculo perfeito, transita em eclipse com os planetas. Isso ainda é segredo. As elipses são segredos meus. São heresias em tempo de crença na terra plana. Mas eu posso provar com todos os sabores que experimento, da aritmética à geometria, da música à astronomia, as estrelas e os planetas giram em elipses radiantes.

(A mulher lança mão de um grande cajado que lhe serve de compasso. Com ele grafa suave o chão, círculos infinitos)

Hipátia

A terra é um esferoide oblato. Enquanto estou aqui, toda a terra se movimenta em intensas curvaturas, gira, mesmo que muitos hoje acreditem na sua planicidade. Pasmem diante da ignorância que atravessa séculos e alcança as redes de comunicação. Conferências internacionais de Terra plana. Pasmem! Governantes adeptos deste estapafúrdio fenômeno que, segundo eles, está escrito em gênesis. A terra plana e estacionária. Somente cavaleiros do apocalipse poderiam defender tal estupidez. O colonialismo, o imperialismo, o patriarcalismo, o messianismo, a fé cega que corroem as vísceras da ciência. Todos machos, com espadas em riste.

(Hipatia ajoelha-se em meio a eclipse findada no chão)

Hipátia

A elipse é um círculo muito especial.

(Ao longe ouve-se o coro de aleluias que avança, pressionando ouvidos e coração)

II MOVIMENTO

Os Homens

Hipátia

(Ao coro) Eles não sossegam enquanto não abaterem o que deles diferem. Entoam sua crença como única, elevam seu mártir e destroem sem piedade outros deuses. Às deusas então, reles rodapés de templos e cultos. Difícil aceitar essa lógica que esmaga e sufoca engendrada fundamentalmente por homens. *(Longo respiro)* Pensar que a eles transmiti os mais preciosos conhecimentos, como quem insufla nos corpos sopros de vida.

(O coro de aleluias cresce um pouco mais)

Hipátia

(Ao coro) Sempre eles a ditar normas e caminhos. Esses que avançam em coro travessem-se de exército de Deus, hipócritas! Endemoniados de poder, vaticinam a ciência, em favor de um fervor sem criticidade. Que mundo vivemos? Que homem são esses que desenham formas religiosas dogmáticas falaciosas? Que governantes são esses que acorrentam a mente através do medo de punição em outro mundo?

(Um ruído mais próximo a assusta)

Hipátia

... Sinésio??? Chegou meu amigo?

(Silêncio grande. Suaviza também o coro)

Hipátia

(A si mesma) Pressinto a aurora. É triste que meu protetor não se avizinhe. Há dias o espero. Tempo que se foi na busca de auxílio e fuga. Temo que tenha sido capturado por acoitar esta pagã. *(Assenta-se novamente sobre livros. Numa lembrança)* Por vezes, espanta-me que Sinésio seja também um homem, feito da mesma matéria de meus algozes. Com Sinésio travei as mais ricas batalhas de conhecer, ele e outros aprendizes e eu, uma única mulher entre homens. Hoje ele me cuida dos que me querem expulsa pelos estábulos como pecadora, dos que me querem morta em fogueiras como bruxa. *(Longo*

respiro) Pensar em Sinésio, me recobra o pai. Não o pai opressivo e castrador, mas aquele que me criou ensinando a densidade e o mistério do céu, deu-me asas, me queria livre.

(Pelas frestas avista novamente as estrelas)

Hipátia

... Meu pai tomaria um vinho em nome desta constelação de planetas. *(Pensativa)* O sábio Teão e sua cabeça ulcerada pela fé cristã. *(Olhando mais fundo o céu)* Como fui ingênua em acreditar que tínhamos mudado. Que homens como Sinésio e Teão, meu pai, pudessem se sobrepor ao nocivo masculino que nos espreita. Como fui inocente em crer que o conhecimento dos astros, da natureza pudesse ter tal impacto nos corações dos homens que instaurariam o pacífico diálogo entre ciência e religião. *(Insuflada de revolta)* Como homens ambicionam o poder! Como homens menosprezam mulheres! Como tudo isso que constroem se baseia numa matemática suja que não convém ao universo. A matemática real, aquela que amo, é a loucura do raciocínio, é a única maneira de começar com novos olhos.

(Retorna retumbante o coro. Hipátia transita pelo espaço inquieta)

III MOVIMENTO

A Mulher

Hipátia

Sinto que vem chegando o tempo de verdades absolutas, de morte do direito de pensar de forma diversa, de falência da dúvida. Tempo de desamor, da alma morta. O amor não deixa a alma em repouso, somente o amor instaura o meio entre a sabedoria e a ignorância na luta pela beleza da vida. O amor é pedagógico, indica caminhos a seguir. Assim redirecionei discípulos em desvios. Pelo amor. Assim tornei-me mulher. Acreditei-me, mesmo servindo como espelho mágico para refletir figuras de homens com o dobro do tamanho natural.

(Mais inquieta. O Coro ainda mais vivo e opressor)

Hipátia

(Ao coro em vertigem) Querem-me morta e minhas ideias aprisionadas nas valas da cidade. Imitação de Maria? Mas sou retrato vivo de saber, aconselho até governantes, como aqueles, como Orestes, que me quiseram ouvir. Sou hostil sim ao silêncio das virgens santificadas como profere o episcopado de seu grande Bispo. Cyrillo é o seu nome, não é? Importante lembrá-lo para não esquecer. O Santo de vocês acusa-me de blasfêmia e sentimentos anti-cristãos? Por que me recuso a trair meus ideais? Isso basta para que ele trame as trevas da emboscada que traz consigo o novo tempo de caça a mulheres como eu. Saibam que a verdade é que não refuto seu Deus único, mas o reconheço no meu mundo de razão e espiritualidade contra o fanatismo e indecoro cristão. Creio sim. Creio em deuses pagãos, nas leis racionais da natureza e na capacidade da mente humana se ver livre de dogmas. Acredito na filosofia, na filosofia que mergulho tomada de elementos religiosos, lógicos e místicos. Tenho meu modo de viver a espiritualidade mais particular, ouço oráculos, leio textos cristãos...

(O Coro intensifica o canto. Forte estrondo. Luz intensa que cega. Um grito. Uma captura.)

Hipátia

Sinésio!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

EPÍLOGO

As Trevas

(Avista-se apenas a mulher e sua luz. Ouve-se ao longe um coro de mulheres em luta. Épica, Hipatia narra sua paixão)

Hipátia

A multidão de fiéis arrancou-me os cabelos e a roupa, depois os braços e as pernas e queimou o que restava do meu corpo. Uma horda de extremistas que me lançou morta ao espaço público, negacionistas da ciência viva que nos suporta os pés neste mundo, que nos insiste sãos. Com minha morte entendeu-se que a ciência afundou na escuridão e na subordinação, pressentiu-se o apagamento da liberdade de investigação. Roma e Alexandria não dormiu mais tranquila e a paisagem trevosa nos disse a que veio, embalando a perseguição, o cerceamento e extermínio das mulheres e suas bruxarias de forma sistêmica e estruturante para acumulação do capital. Percebem! Minha morte atiza todas as razões para se fazer uma revolução. O que se veio depois de minha morte é naufrágio da política, a arrogância dos poderosos, o reino do falso, a vulgaridade das riquezas, os cataclismos da indústria, a miséria galopante, a exploração nua, o apocalipse ecológico e de nada somos poupados, nem mesmo de estarmos cientes disso. O que se veio depois de minha morte é a desordem mundial que excede toda capacidade de reordenação. Pandemia. Isso que há em nós de tão doente que se apegamos a tão precárias condições de existência, isso que está tão esgotado pela miséria, pelas necessidades, pelos golpes, e que faz com que, a cada dia, o amanhã parece estar mais distante do que a lua, as estrelas, os planetas que nos circunscreve. Se eu pudesse estudar o céu um pouco mais, faria mais.

(Coro de mulheres alteia a voz)

Hipátia

Mas aqui despedaçada e prestes às cinzas da fogueira, ouço vozes em protesto. Vozes que alcançam a abóboda celeste atravessando séculos. Creio que fizeram mais depois de minha morte, farão mais, porque conflagrações começam sempre nos porões do mundo, nas camadas mais fundas da terra. Minha alma está livre agora, com as estrelas, girando em elipses com os planetas. Da galáxia, a rebelião.

Luciana Lyra

13 de fevereiro de 2021

REFERÊNCIAS DO PRELÚDIO

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas vol 1, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 241-252.

DZIESLKA, Maria. **Hipátia de Alexandria**. Editora Relógio D'água, Lisboa, 2009.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha P. de. **Hipátia: tecido dramático entre fé, ciência e feminismos em tempos pandêmicos**. XI Congresso da ABRACE: Artes Cênicas e

Direitos Humanos em Tempos de Pandemia e Pós-Pandemia (Anais Eletrônicos), Campinas-SP, v.21, 2021, ISSN 2176-9516.

MIRANDA, Maria Brígida de. **Teatros feministas na ilha das bruxas: memórias e “herstory” de práticas teatrais feministas em Florianópolis**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.